

Aveleda em 1758: memória paroquial, toponímia e património. (conclusão)

Cristiano CARDOSO e Luís SOUSA***

INTRODUÇÃO

Concluindo este rápido excurso pela história e património da freguesia de Aveleda, através da sua Memória Paroquial, publica-se agora o último de três artigos. Anteriormente, para além da publicação integral do texto memorialista escrito pelo abade Francisco Álvares de Azevedo, fez-se uma breve apresentação histórica da freguesia, abordaram-se os principais elementos patrimoniais (igreja e capelas) e apurou-se, quando foi possível, a etimologia dos topónimos.

Nesta última parte completamos o elenco de elementos patrimoniais religiosos citados pela Memória Paroquial, com a análise da capela privada de Nossa Senhora da Oliveira, pertencente à Casa Grande de Vilela, e da desaparecida capela de Santo Ovídio, que se situava nas proximidades da Casa de Santo Ovídio (antes conhecida por Casa de Barrimau). Introduzimos, igualmente, uma rápida apreciação às duas pontes sobre o rio Sousa que o pároco então mencionou – a ponte de Vilela e a ponte de Barrimau –, esta, porventura, a única sobrevivência pontística de fundação romana (no passado, alvo de intervenção negligente), e aquela, obra imponente, presumivelmente, de patrocínio régio. Por fim, dedicamos alguma atenção às personalidades notáveis da freguesia, seguindo o que ficou registado pelo cálamo do padre memorialista.



Fig. 1 - A capela de N. S. da Oliveira e a Casa Grande de Vilela.

3.1.4. Capela de N. S. da Oliveira

Esta capela está situada no largo terraço fronteiro à Casa Grande de Vilela, estando orientada no sentido nascente/poente, embora apresente a fachada voltada a nascente, desobedecendo à orientação canónica. Tem porta rasgada na fachada principal e outra no alçado norte, ambas abertas para antigo caminho público, como era preceito mesmo em capelas de fundação particular.

Uma lápide de mármore que repousa no interior da capela, embutida na parede lateral sul, contém uma inscrição que identifica os fundadores e as características do legado e do vínculo. A capela foi mandada construir por Manuel Pinto de Magalhães Coelho e por sua mulher Maria Josefa Pinto de Azevedo, senhores da Casa Grande de Vilela, instituindo um legado perpé-

* Técnico Superior de História. CML.

** Arqueólogo. CML.



Fig. 2 - Ponte de Vilela.

tuos de missas, para sufrágio de suas almas e de seus pais, ao qual vincularam uma propriedade em Airões e as duas vessadas de Sub-Cartão, em Aveleda. A lápide diz ser feita no ano de 1756, a 26 de Março, mas sabemos que a capela já estava construída nessa época, pois os fundadores, no seu testamento de mão comum, feito a 18 de Dezembro de 1749, já mencionam a sua existência e a pretensão de nela serem sepultados.

A capela é composta por um só corpo de planta rectangular e apresenta na fachada principal um portal moldurado de verga recta, encimado, já no plano do frontão, por pequena edícula, vazia, e por motivo escultórico em aresta viva constituído por cruz latina e dois pináculos em forma de pirâmide. As empenas são rematadas por cruz latina sobre acrotério, enquanto os cunhais são sobrepujados por pináculos piramidais. O alçado norte apresenta dois vãos, uma porta moldurada e uma janela com voamento igualmente moldurada. No mesmo alçado, sobre a cornija, destaque para o elegante campanário composto por uma sineira e rematado por cruz latina e dois pináculos piramidais.

3.1.5. Capela de Santo Ovídio

Como foi possível verificar na transcrição da Memória respeitante a esta freguesia, que foi

publicada na 1.^a parte deste Suplemento, fazia-se menção à existência de uma capela de Santo Ovídio, situada no lugar de Barrimau e declarada como sendo pertença da paróquia, afirmando-se *foyfeyta a dita capella à custa dos frutos desta Igreja, e pertence a fabrica, e administração della ao Abbade*.

Depreende-se, portanto, que a capela já existia por meados do século XVIII e que a sua construção tinha sido iniciativa dos fregueses, estando a fábrica, ou seja, a responsabilidade da sua manutenção, sob a alçada dos párocos da freguesia. Pode-se, aliás, presumir que o culto ao Santo Ovídio fosse muito antigo em Aveleda, se atendermos ao facto de já se assinalarem *três dias de romagem contínuos, em que se ajunta grande concurso de gente*, designadamente nos dias 8 e 9 de Agosto, a que se juntava o dia 10 em celebração de São Lourenço.

Esta capela foi objecto de uma grande contenda que opôs a paróquia (então representada pela Corporação Cultural da Freguesia de Aveleda) e o proprietário da casa de Santo Ovídio. Ambos reclamaram a posse do templo no contexto da restituição dos bens culturais nacionalizados às suas respectivas paróquias. Não cumpre aqui desenvolver os contornos desta querela, apenas referir que o desenlace foi fatal para a dita cape-

la, que acabou demolida por ordem de Diniz da Costa Santiago Carvalho e Sousa, proprietário da casa.

Em virtude desta demolição, e não sendo conhecidos registos gráficos da capela, torna-se praticamente impossível apresentar uma análise do edifício. Conservou-se, contudo, uma breve descrição, registada no auto de arrolamento da capela elaborado em 1927 (Arquivo Histórico do Ministério das Finanças) que nos permite alcançar, pelo menos, a sua dimensão e organização espacial. Descrevia-se a capela como sendo *umamodesta construção, em pedra e cal, ostentando uma porta principal e duas laterais, medindo nove metros de comprido por seis de largo e aproximadamente tres e meio de altura, encimadas as suas paredes por uma cornija singular e rematando o edificio acima do telhado por quatro piramides e duas cruces.*

3.1.6. Ponte de Barrimau

No lugar de Barrimau, da freguesia de Aveleda, terá existido uma pequena ponte de fundação romana. De arco redondo único e de construção em que a técnica utilizada foi a de testa-peito, da estrutura sobressaía o emprego de pedras bem esquadriadas em granito da região, com todas as faces, inclusive o intradorso, a revelar o característico almofadado. A utilização de silhares de desigual proporção e as fiadas em desalinho evidenciam obras de restauro a que ponte terá sido sujeita no seu longo tempo de uso.

Por finais do século XVI, concretamente em 1593, esta ponte parece manter-se transitável, sendo então conhecida como *ponte de Grades*. Vemo-la men-

cionada no Tombo do Mosteiro de Paço de Sousa, na parte respeitante à *Freguesia da Transfiguração de nosso Senhor da Auelleda, do concelho de Louzada*¹, aquando da demarcação das propriedades do *Casal de Barrimão*, designadamente da *boucinha da Fonte*, que limitava da banda do Sul com caminho que é serventia da indicada *ponte de Grades*². Entre aquela data e 1758, a ponte de Barrimau terá perdido a supremacia na matriz viária da região, o que paulatinamente a empurrou para o esquecimento e concomitantemente para a ruína. A este facto não será alheia a construção da ponte de Vilela na mesma freguesia de Aveleda, que veio alterar a integração do concelho de Lousada na estruturação da rede viária regional, uma vez que esta ponte passou a permitir a existência de uma importante ligação entre o litoral e o interior.

Em 1758, o abade relator da Memória Paroquial de Aveleda dá conta da existência de três travessias no rio Sousa. Entre estas, figura uma em Barrimau, composta por *pontido de pedra, a que chamam as poldras de Barrimau que serve de passagem desta freguezia para a freguezia de*



Fig. 3 - Coroamento do portal da casa de Santo Ovídio, em que se exhibe uma pedra de armas mandada colocar por Bento Luís da Costa e Sousa, filho de Luís da Costa Guimarães.

¹ANDRADE, Ambrósio de – *Livro de tombo dos bens, direitos, padroados, comedorias, iurdições, passais, quintas, casais, propriedades...que foi do mosteiro de Sam Salvador de Paço de Sousa...* Évora: por Manuel de Lyra, fls. 572, 1593. Obtido em [site em linha]: <http://purl.pt/14779>.

²ANDRADE, Ambrósio de - op. cit., fls. 571v-580.

São Pedro de Cahide. Sobre a mesma cita que *só pode passar hua pessoa ao mesmo tempo*, por ser estreita³. Quer isto dizer que a ponte já não se encontrava transitável nesta data, pelo menos a veículos puxados por animais.

3.1.7. Ponte de Vilela

Esta ponte une as margens do Rio Sousa, servindo um velho e importante caminho que ligava Penafiel a Guimarães, passando pelas Caldas de Vizela. Situada entre várzeas, num dos trechos mais largos do rio, a configuração da ponte de Vilela adapta-se perfeitamente ao local. A sua estrutura, de quatro arcos redondos e três pegões com talha-mares e talhantes (contrafortes), revela a solidez e o cuidado posto na sua construção.

Contrariamente ao que foi aceite durante muito tempo, nada de particularmente relevante sugere que se trate de uma ponte romana ou, sequer, românica. Ela será antes da Época Moderna, cronologia que tem vindo a ser ajustada, especialmente a partir da inclusão do monumento na Rota do Românico. Esta cronologia mais recente em nada a desprestigia, pois trata-se de uma magnífica construção que, segundo o padre da paróquia em 1758, terá obtido o patrocínio régio. De facto, consideramos improvável que uma obra desta envergadura pudesse ser subvencionada unicamente com “fintas” concehlias, ainda que estivessem envolvidos dois concelhos, que aí confinavam, tendo o rio por limite – Santa Cruz de Ribatãmega e Lousada. A construção da ponte esteve, em nosso entender, associada a uma estruturante iniciativa de melhoramento das vias de comunicação terrestres apontada para o período do domínio filipino.

A ponte apresenta algumas siglas no intradorso dos dois arcos mais próximos da margem direita. Estas correspondem, aproximadamente, às formas I, 2 e S, podendo existir outras formas, quesó através de um levantamento exaustivo e com recurso a métodos adequados poderão ser identificadas. Em todo o caso, estas siglas não nos parecem pertencer a canteiros ou à sua identifica-

ção. Pelos factos de se localizarem somente nas faces interiores dos arcos e em pequeno número, julgamos tratar-se de siglas de colocação.⁴

3.2. PERSONALIDADES

3.2.1. Manuel Pinto de Magalhães (Rangel)

Foi senhor da Casa Grande de Vilela e de muitos outros bens em Aveleda e outras freguesias, entre os quais se destacam as terras em Sub-Cartão e em Searas e os moinhos de Requião, assim como o prazo dos Moinhos de Cima, em Pias. Obteve o privilégio das Tábuas Vermelhas como caseiro da Colegiada de N. S. da Oliveira. Nasceu em Aveleda e foi baptizado a 28.12.1679, filho de Lourenço de Magalhães e de sua mulher Ana de Magalhães Coelho, de Vilela. Casou em Santa Cristina de Nogueira, a 16.1.1719, com Maria Josefa (Bernarda) Pinto de Azevedo, filha de Agostinho Pinto de Azevedo e de sua mulher Francisca da Costa, da Bouça, Nogueira. Deste casamento não houve descendência. Faleceu em Aveleda a 27.1.1767, com testamento de mão comum, juntamente com sua mulher. Deixou como herdeiro universal de sua herança o seu afilhado Manuel Pinto de Magalhães Coelho, filho do licenciado António Dias Seixas e de sua mulher Maria Josefa de Magalhães Coelho (sua sobrinha), moradores em Vila Verde, antigo concelho de Unhão.

3.2.2. Luís da Costa Guimarães

Nasceu em São Lourenço de Selho, actual concelho de Guimarães, a 25.8.1700, sendo baptizado a 29.8.1700. Era filho de Manuel Lopes e de sua mulher Ana da Costa, moradores no lugar do Bouro da mesma freguesia e senhores do prazo do casal do Bouro de Baixo. Casou na igreja matriz de Aveleda a 24.5.1740 com D. Joana Luísa de Sousa, filha de Bento da Costa Guimarães e de Luísa Correia de Miranda e Sousa, natural da cidade do Porto e residente em Aveleda. Emigrou para o Brasil e aí constituiu grande fortuna no comércio de grosso-trato. Foi agraciado com o título de Fidalgo da Casa Real e terá servido na “governança” da cidade do Porto como almotacé.

³ CAPELA, José Viriato; MATOS, Henrique; BORRALHEIRO, Rogério – *As freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património*. Braga: Ed. de Autor, 2009, p. 299.

⁴ CARDOSO, Cristiano – “Duas pontes sobre o Rio Sousa”. in *Revista Municipal (Suplemento do Património)*. Lousada: Câmara Municipal, Maio de 2008. Acessível on-line em: <http://www.cm-lousada.pt/download/pt/ficheiros/maio-duas-pontes-sobre-o-rio-sousa.pdf>. Neste artigo afirmava o subscritor do mesmo que a freguesia de Aveleda pertencera à Casa de Bragança procurando-se uma presumível relação entre os donatários e o patrocínio da obra da ponte. Consideramos, a esta distância, que o assunto foi tratado superficialmente. De facto, grande parte da freguesia de Aveleda pertencia ao concelho de Lousada, de que eram senhores os duques de Bragança, contudo, a parte de Vilela, pertencia ao concelho de Santa Cruz de Ribatãmega, cujos donatários eram os condes meirinhos-mores. A Casa de Bragança detinha efectivamente um direito senhorial importante que consistia na apresentação do pároco de Aveleda, que detinha a jurisdição eclesiástica sobre toda a freguesia.